

JORNAL DAS SENHORAS.

JORNAL DA BOA COMPANHIA.

Modas, Litteratura, Bellas-Artes e Theatros.

O programma e condições deste jornal encontram-se na ultima pagina da capa.

CHRONICA DOS SALÕES.



Leitoras, occuparei ainda por um momento a vossa attenção com a noticia de alguns divertimentos que houverão em Magé e na Ponta do Cajú na vespera e no dia de Reis.

Na villa de Magé andarão alguns bandos, vestidos de fantasia e precedidos de orchestras, que entoarão canticos em algumas das principaes casas. No porto da Piedade uma excellente banda de musica e um côro bem ensaiado solemnizarão a chegada dos Magos, tendo-se tornado a chuva um obstaculo para o maior brilhantismo desta festa.

Na ponta do Cajú houve enthusiasmo. Apesar do máu tempo cruzarão-se constantemente ranchos de elegantes moças, cuja animação communicavão a esse poetico arrebalde, embalsamando com o halito de delicado odor o ar já tão puro desses logares, onde tantas impressões agradaveis se goza. Na vespera de Reis, pelas dez horas da noite, os sons longinquos, lançados de mistura com as ondas sobre a praia, denunciarão a approximação de pequenas embarações que para ali se dirigião: Pouco depois erão alegremente recebidos os musicos viajantes na casa das columnas, onde se entretinha numerosa companhia, quando os estalos de alguns foguetes lançados ao ar annunciarão a chegada de um omnibus que conduzia uma escolhida companhia de senhoras e cavalheiros que haviam escolhido esse

logar como o mais poetico para fazerem ouvir suas delicadas harmonias e excellentes vozes. Alguns outros bandos furão successivamente apparecendo, e todos se dirigirão em primeio logar á casa do Sr. Costa, que os recebeu e obsequiou com a franqueza e cavalheirismo que todos lhe conhecem.

No dia de Reis houve uma festa de familia; era o anniversario natalicio de uma das melhores flores da nossa sociedade, que procurou passar o entregue ás suas mais caras affeições. Durante o jantar fizeram-se varios bríndes; e poetas, que nunca faltão, nem perdem occasião de render sacrificios ás musas, fizeram varios e interessantes versos ao assumpto, rico sem duvida de motivos pelos dotes que ornão a Exm. Sra. Dona A. da Silva Pinto.

Basta de Reis, e passemos a outro assumpto.

Na noite de 12 do corrente um pai extremoso reuniu em sua casa, na rua do Lavradio, bom numero de pessoas de familia e amigos para commemorar o natalicio de sua prezada filha, uma das mais bellas, interessantes e innocentes moças que abrilhantão os salões das sociedades de primeira ordem e nobreza. O proverbial cavalheirismo do Exm. hospede e a inapreciavel bondade e delicadeza de toda a nobre familia tornarão esta reunião, interessantissima e animada. Ahí teve uma de nossas amigas mais par-

ticulares o prazer de dançar algumas contra-danças e de ouvir cantar a Exm. Sra. Dona M. B. o lindo romance francez — *L'afflita* — e o romance da opera *Trovador* — *stride la rampa* —, cuja perfeita execução foi auxiliada pela sua bella voz de *contr'alto*. O Sr. Dr. F. e sua senhora executarão uma brilhante peça, a quatro mãos, no piano, de modo que receberão muito merecidos applausos.

O *Club Fluminense* continúa a dar as suas partidas, ás quaes concorrem as nossas bellas, ostentando o bom gosto de seus *toilettes*, fornecidos talvez pelas afamadas casas de *Notre Dame de Paris*, e uma outra recentemente aberta proximo da bem conhecida casa-Wallerstein, as quaes recomendamos ás nossas assignantes como dignas de serem examinadas e frequentadas; o que lhes é tanto mais facil quanto é hoje um passeio suave e cheio de variedade o andar-se á noite pela rua do Ouvidor, onde se encontra grande numero de pessoas da primeira sociedade á luz viva que sahe do interior das lojas; prescindindo de fallar na do gaz da illuminação publica, que é já muito fraca e vermelha, hão differente portanto do que era nas primeiras noites do exercicio da respectiva companhia.

O passeio publico, assim como tudo quanto é

novidade, parece ir já perdendo o merecimento e apreço que a principio se lhe dava. Já é pouco concorrido; e brevemente estará tão deserto durante as noites, como o era antes de ser illuminado; é verdade que a luz tambem já não éahi tão clara; não obstante, a amenidade do logar bem-convida a frequencia publica a não o deixar ermo, principalmente na estação actual, cujo calor excessivo tanto nos incommoda.

Fallando deste logar de gozo publico, sentimos que se não tenha continuado a fallar de uma empreza que, segundo fomos informada, pretendia ou pretende pedir ao governo a direcção do Passeio Publico para o cultivar e ornar á imitação dos jardins publicos da Europa. Seria importante que esta idéa fosse levada a effeito, pois que com ella muito lucraria o publico, e a cidade poderia mostrar aos estrangeiros, que a visitão, um jardim digno de uma capital como esta é.

Procuraremos a este respeito algumas noticias para as communicar ás nossas leitoras no proximo domingo com o mais que possamos saber, que seja digno de merecer sua attenção.

Alina.

JARILLA.

PELA SRA. D. CAROLINA CORONADO.

(Continuado do n. 2.)

II.

Aventura de Roman em uma floresta.

Digisme tu el caballero
Como era la tua gracia?
ROMANCEIRO.

No mais rijo da tormenta deixámos Roman luctando com o espantado animal, e não era na realidade presumivel que conseguisse refrealo, quando as nuvens, estalando-lhe, para assim dizer, debaixo dos pés e por sobre a cabeça, produzião o mais estrondoso e pavoroso arruido que imaginar se pôde. Exhausto de força, entregou o corseal ao seu proprio instincto, e então começou uma carreira só interrompida pelos novos sobresaltos que lhe produzião os penedos, sobre os quaes se precipitava, o que fez acreditar ao neto do nigromantico, que ia cahir em algum despenhadeiro, sem que lhe restasse a esperança se quer de ressuscitar, como seu avô, n'uma rodoma. Era tão fantastico aquelle correr, quando o cavallo, levantando as mãos, e fazendo corcovos, suspndia o donzel nas nuvens e o balouçava nos ares, que ainda hoje houvera maravilhado os nossos camponezes, fazendo-os acreditar nos genios das tempestades, caval-

gando nuvens. O escudo reluzia-lho como columna de fogo, e parecião os acicates dois errantes luzeiros. Porém o desenfreado alusão, em um daquelles corcovos, torceu a direcção da corrida, e tomando pelo pendor suave de Salva-terra, o conduziu a um valle profundo, a mais de uma legua do castello.

Viu-se Roman encerrado n'uma cova, rodeada de serras por todos os lados, e coberta pelo céu, qual tecto de ardosia, tão negras erão as nuvens que toldavão o horizonte. A chuva e o vento açoitava e fazia estremecer os carvalhos, de entre cujos ramos soltavão os mochos agourentos gemidos. Os javalis sahião dentre o mato, roçando pelo cavallo de Roman, e de tal modo se ião apertando as montanhas, e aprofundando o valle, que receou ir dar n'algum precipicio ignoto. Resolveu esperar debaixo de um grupo de carvalheiros, que passasse a tormenta; parou o alusão, e tirou o elmo para melhor respirar o ar livre, e refrescar a cabeça que tinha a escaldar. Era uma pena que D. Leonor, a viuva do generoso Fernando de Antequera, não pudesse admirar naquelle momento o semblante do agitado donzel, com aquelle transporte que dava azo ás murmurações das damas de Toledo, que não estavam menos namoradas que D. Leonor do

herdeiro de Vilhena. Ella melhor que ninguem, poderá debuxar-vos o nobre perfil daquelle semblante intelligente e varonil, surcado de duas quasi unidas e negras sobranceiras, que lhe davão aos olhos um encanto poderoso. Só ella poderá dizer-vos o que havia de elevado naquella physionomia, quando os seus olhos vos fitavão, o que havia de melancolico e gracioso em um sorriso de seus labios. Porém D. Leonor está longe do donzel, quando este, só, e entregue a seu profundo seismar, alonga os olhos negros e brilhantes pelas levantadas serras, ou os fita nas nuvens, sacudindo os soltos cabellos, que lhe cingem a fronte graciosa. O sol abrasador de Abril conseguiu finalmente romper pelas nuvens; quadrupedes, aves, reptis e insectos, começaram de abalar-se, como povo que renasce para o prazer e para o trabalho. As lobas estendião as cabeças lá das furnas onde tinham as crias; os tímidos coelhos rompião as coberturas das suas tocas, e vinhão enxugar ao sol a terra empapada; e os capritinhos montezes corrião a encarepitar-se no mais alto dos penedos a comer a flor branca da estêva. As andorinhãs mães, sacudindo as azas que haviam conservado abertas sobre os ninhos, sabião d'entre as carvalheiras, ao pé de cujos troncos se vião tambem as cabeças de algumas, que tinham sido tragadas pelos milhafres durante o temporal; porque nos campos acontece o mesmo que nas cidades; os innocentes são os que pagão pelos peccadores. Por outro lado grandes e magnificos lagartos despejavão das fendas dos carcomidos troncos, quaes rebentões gigantes da mesma arvore, e as borboletas de largas e amarellas azas, e os pardos moscardos em innumerous bandos, giravão em torno das plantas como vaporosa nuvem que se houvesse levantado da terra. Aquelle calor repentino depois do vendaval, a falta do vento no fundo do valle, transtornarão a cabeça do donzel, e o obrigarão a subir a uma colina, donde descobriu outro valle mais risonho, e largos campos limpos de montes. Dirigiu-se para ahí Roman, rompendo pelo matto, que o forcava a ir a pé, e que lhe rasgava o fato, e lhe fazia espirrar o sangue das pernas. Ouviu rumorejar d'agua, e seguindo esta direcção entrou n'uma ribeira guarnecida de ambos os lados de roseiras silvestres e floridas acacias, que exalavão o mais delicioso aroma. A agua despenhava-se do alto da serra de S. E. e corria para O. em tortuosos giros, derramando a frescura por aquelle sitio agreste, onde se não ouvia mais que a sua voz, e a das aves, escondidas pelas ramadas ou pelos penhascos. Alguns dos penedos que nascião da ribeira, ão unir-se a grande altura por cima dos freixos, e formavão aqui e ali escuras grutas, que enfeitavão as heras e as madresilvas, e rosas silvestres, e videiras bravas, deixando apenas logar para que o cervo descauçasse. Roman estava maravilhado; comtudo, seguindo a corrente, encontrou sitios mais formosos ainda pelas peregrinas flores, que lhe tapetavão as margens, quando mais se alongava da serra, e por fim viu uma planura por onde o regato se espreguiçava, como fatigado da penosa viagem que havia feito pelas quebradas dos

montes. Deteve-se Roman, fatigado tambem, e prendeu o cavallo a um tronco, enquanto se refrigerava. Quando levantou a cabeça deu ao pé de si com uma mulher, que o mirava com expressão de alegria e de assombro. Roman esperou que lhe dirigisse a palavra; mas ella, com os labios entre-abertos, e os olhos fitos, n'uma extasi, permanecia calada.

Era muito moça. Não tinha essa alvura alabastrina, que tão formosas fazia parecer as enclausuradas damas de Tolledo; mas os seus olhos de uma graciosa grandeza, erão tão negros e tão brilhantes como os de Roman; alvejavão-lhe os dentes na fresca boca, como os alvos seixinhos do arroio, e parecião tão suaves os cabellos como o ondular das aguas. No corte de seu traje revelava-se a origem mourisca de quem o delineára; e comtudo não era senão um vestido de andaluzia muito curto, por baixo do qual se via a calça larga e borseguins de couro fino. O corpo do vestido era aberto pela frente até á cintura; e resgardava-lhe o seio apenas uma delgada camisa de preguinhas, sem prisão alguma nos hombros. Ao menor movimento que fizesse, pois, podia-se observar o contraste que formava a seu rosto e pescoco, queimados do sol, com os hombros e seio. Era delicioso este contraste. Parecia uma dessas avesinhas, cuja alvura começa no peito.

— Quem sois? perguntou Roman.

— Quem és tu? perguntou ella, não és nem meu pai, nem Barbellido, nem o Morro.

— Vives por estes sitios? proseguiu Roman.

— Elles nunca vdem por aquelle lado, continuou ella. Não... vi que vinhas do alto daquelle sêrro, e que deseias pela *Madre del Sol*. É verdade que de longe tenho visto tambem passar outros pela *Madre del Sol*; mas tão formoso como tu nunca vi nenhum.

— Quem é a *Madre del Sol*, e de quem sois filha? redarguiu Roman maravilhado de semelhante linguagem.

— Pois não conheces a *Madre del Sol*, exclamou a moça espantada.

— Não, respondeu Roman.

— Então és como a violeta, com a cabeça escondida á luz, ou como o cão de guarda que sabe de noite só. A *Madre del Sol*, é aquella, disse apontando para a serra do Oriente, sabem-no a rosa silvestre, e a campainha branca, que abrem ao nascer do sol, sabem-no a andorinha e a perdiz que celebrão o seu despontar. Ali tens a *Madre del Sol*. O nome de meu pai, esse não o posso eu dizer; porém é tão alto como aquelle roble, e tem mais força que os homens todos do mundo. Veio dali, da *Madre del Sol*, que m'o disse elle.

— Tem muitos vassallos?

— Que são vassallos?

— Tem algum castello?

— O que é castello?

— Nunca sahiste deste bosque?

— Nunca; mas do alto da serra já vi todo o mundo.

— Todo o mundo?

— Sim; olha, se o queres ver tambem, segue-me.

E travando o donzel pela mão, conduziu-o, com pasmosa rapidez, pelos majagaes, fazendo-o subir a um grupo de rochedos, ossada gigante de outra serra, que o decorrer dos seculos havia descarnado, e que alvejava como esqueletos humanos.

— Olha, disse, galgando ao mais erguido penedo, ahí tens o mundo, ahí tens a terra, tudo o mais é céu.

Com effeito os limites do mundo, de que ella fallava, estavam marcados no azul do céu pela cadea circular de serras que rodeava o valle.

— Como é bello o mundo! exclamou a joven, com ardente enthusiasmo. Olhá, ali mais verde, aqui mais agua; além mais flores; quem mais avesinhas... Vés, como são lindos aquelles espinheiros brancos! Tu vieste com a rosa-silvestre e com a audorinha...

E estava arrebatada, como se, pela primeira vez, contemplasse o limitado horisonte a que chamava mundo.

Roman olhava absorto para ella. O illustre donzel de João II, o idolo das damas de Toledo, o orgulho das castelhanas, quando conseguia atrahil-o a seus passos sob pretexto de danças e folgares, no moto de suas estrondosas conquistas, nunca sentira o que lhe fazia sentir agora a singela habitante de um bosque silvestre.

E ainda mais commovido se sentiu quando, depois de haver contemplado céu e terra, com ancia de prazer indefinivel, Jarilla disse com os olhos fitos nelle.

— « E tu és mais airoso que o cervo, mais formoso que os passarinhos; tens o andar da garça, e o fallar do rouxinol. »

Depois, examinou-lhe os pés com infantil curiosidade, e curvou-se toda para lhe ver de perto os acicates de ouro, que, brilhavam, reflectindo os raios do sol.

— Isto é o que eu vi de longe, continuou, e parecia-me que te conduzião duas estrellas. Póde ser que te ellas trouxessem... Póde ser que viessem das estrellas...

— Como te chamas?

— Roman.

— Roman!

— Gostas do meu nome?

— Sim.

— E tu como te chamas?

— Jarilla.

— Jarilla!

— Também o achas bonito?

— Sim.

— Oh que alegria, vem. Vamos para outro sitio onde não te incommode o sol. Tenho muitos sitios onde vou passar sózinha as séstas. Hoje vens tu comigo, Roman!

E a joven tornou a conduzi-lo de penedo em penedo até o fundo do valle, onde havia uma gruta formada de plantas aquaticas, que se enredavam nos troncos dos freixos, parte naturalmente, parte conduzidos pela mão de Jarilla, que fizera desaparecer todas aservas parasitas. Parecia aquella gruta, encayada na serra, um ninho de

audorinhas. Jarilla fez entrar o opulento herdeiro no seu innocente retiro, onde nunca penetrara homem algum, e o obrigou a sentar-se em um leito de flores, que todos os dias renovava com as mais perfumadas e bonitas que encontrava pelo valle. Sentou-se depois a seu lado, e começou a contempla-lo com a mesma tenacidade. Porém, quando mais embebidos estavam em contemplar-se os jovens, ouviu-se por entre as estevas um ligeiro rumor, e Jarilla levantou-se tremula. Logo depois, á boca da gruta, apontou uma cabeça negra, oruada de duas airozas pontas... Jarilla desotou a rir como uma doudinha, e atirando-se ao pescoço do hospede, deu-lhe um beijo na testa, e disse para Roman:

— Não tenhas medo, que é a minha vaquinha.

E tornou a sentar-se.

— Roman, proseguiu, eu já te havia visto a dormir, me parece, ou sonhando... em uma sésta que aqui dormi. A unica que acordei a chorar. Era temporal desfeito... E quando ha tempestade, desejára ter ao pé de mim alguém para me acompanhar e defender, se fôr necessario... Mas meu pai, parece que adivinhou o meu desejo, dá-me uma bebida; porque senão eu abalava-me a buscar aquelle que espera o meu coração... que esperava, porque já o não espero... Porque já aqui estás. E' que hoje, quando começou o temporal, pude fugir... e por isso te encontréi... és tu...

E com as faces incendiadas, confusa, palpitante, transornada, corria as mãos pela testa como para melhor coordenar os seus pensamentos.

— Donzella, exclamou Roman, sonho e esperança do meu coração, também solitario, entre as gentes, como o teu entre as aves, não, tu não te pareces com mulher alguma desta leviana raça.... Hei de volver aqui; mas agora não posso demorar-me nem mais um instante.

— Como! pois queres abandonar-me? exclamou a joven, travando-lhe da mão.

— Sim, mas em breve voltarei.

— Não!

— Quando queres que venha? Em que sitio nos vamos de encontrar? Socega, que volto.

— Pois bem, dá-me as estrellas que tens ahí nos pés, para que não possas ir para longe, e vem ter comigo amanhã á fonte dos loureiros. Vés aquelles tres carvalhos altos? Ali pódes esconder-te, para que não te vejam, nem meu pai, nem Barbellido, nem Morro, e ali me esperarás pela sésta; Zama não vem nunca. Está já muito velhinha, e não sabe de casa.

— Pois bem! cá estarei, respondeu Roman, sem reflectir no que promettia. Ahí tens as estrellas.

A joven beijou os acicates com respeito, e os penduron no sinto, mirandó-os de revez para ver como lhe reluzião sobre o fato escuro.

— Adeus, respondeu Jarilla, subindo-se a uma penha para o ver mais tempo.

— Adeus!

(Continúa).

AOS FELIZES ANOS

De V. M. o Senhor D. Pedro Segundo,

Imperador do Brazil,

ELOGIO MUZICAL

Composto

pelo Compositor Joseph Fachinetti



CANTO

PIANO

Allo Moderato

do!

Salve oh

ff

p

Di... a fes-ti-val... Que hai-ran-do pra-zen-ten-te-i-ro Do Im-

pe-rador Bra-si-le i-ro Mar-cas o Faus-to Na-tal Os

The first system of the musical score consists of a vocal line on a single staff and a piano accompaniment on two staves. The vocal line begins with a dotted quarter note followed by eighth notes. The piano accompaniment features a rhythmic pattern of eighth notes in the right hand and quarter notes in the left hand.

cons espargin do seos O Ce-o no-so-lha pro-pi-cio Con-gra-

The second system continues the musical score. The vocal line includes a triplet of eighth notes and a sixteenth-note triplet. The piano accompaniment maintains the established rhythmic pattern.

tu-la o Na-ta-li-cio Des-be no-vo Se-mi-de-os Des-te

Lento

The third system introduces a tempo change to *Lento*. The vocal line features a series of eighth notes. The piano accompaniment continues with the same rhythmic structure.

no-vo se-mi-de-os

D.C.

The fourth system concludes the musical score. The vocal line ends with a half note. The piano accompaniment ends with a double bar line. The marking "D.C." (Da Capo) is present at the end of the system.

POESIA.

DE QUE ME SERVE A RAZÃO?

Quando a vida em gemidos se consome,
E o hymno do prazer, passando ao longe
Pela vasta campina do passado,

Não tem um eco n'alma:

Quando do batelzinho, que levou-nos
Ao porto de ventura após tormenta,
Só nos fica na dextra enfraquecida
O leme espedaçado:

Quando, depois de abraços e carícias
De traidora amizade, gangrenado
Só nos resta no peito, em chaga aberto,
O beijo fementido:

De que serve a razão? Melhor não fôra
Que o esp'rito, votado aos sofrimentos
E resignado á dor, fechasse os olhos
Para não ver os tratos?

No dom de comparar consiste a pena
Mais dura que o infortunio. O mal presente
Se afoga no completo esquecimento
Da perdida ventura.

Oh! quanto de pezar poupára um cego,
Se na hora em que a vista lhe faltasse
Benefica loucura lhe dissesse
Que a luz não existia!

Se em luta contra o cepo desespera
O escravo em grilhões, fitando os olhos
N'aurora que o visita penetrando
Pelas frestas do carcere,

Não é que mais lhe pesem as cadeias,
Nem lhe arrochem os pulsos: é que o misero
No raio com que o sol lhe beija os ferros
Conhece a liberdade.

Razão, és meu algoz. Cala teus brados.
Ah! deixa-me ignorar o meu tormento,
Deixa: deixa-me em trevas, que o teu lume
A vida me devora.

Silva Rabello.

A seguinte poesia pertence ao Elogio Musical dedicado aos felizes annos de Sua Magestade o Imperador, cuja musica offerecemos hoje ás nossas assignantes.

Cada uma das seguintes oitavas deve cantar-se repetindo duas vezes.

2.^a

Oh! que quadro encantador!
Que celeste primavera!
Surgiu de Saturno a era!
Té nas penhas nasce a flor!
Grato perfume Sabéo
Pelo florido terreno
Do Brasil puro, ameno
Brando Favonio verteu.

3.^a

Doce prazer singular
Toda a natureza exhibe:
Té mesmo o Capiberibe
Nas margens vem exultar.
Phebo quer retroceder
Os flammejantes Ethontes,
E nos Gararâpes montes
Outro solsticio fazer.

4.^a

Este dia começou
De Pedro o aureo destino,
Seu horóscopo divino
O Nume mesmo ideou.
Um metal que no primor
Vence o ouro luzidio
Lhe dará da vida o fio
Mais vasto que o de Nestor.

5.^a

Firme esperança reluz
Em nossas plagas risonhas,
Fogem as trevas medonhas
Do Imperio de Santa Cruz.
O Fado se contristou
Da nossa longa orfandade;
E mental capacidade
Em um Joven derramou.

6.^a

Seus direitos assumiu
O Menino portentoso:
Bramou o Orco raivoso,

O fel Brazil sorriu.
Vai da gloria ao apogeo,
Vai, Brazil, paiz jucendo,
Só a ti, no novo mundo,
O Céu seu filho cedeu.

AS TRES NOITES DE NATAL.

(Continuado do n.º 2.)

III.

O CASTIGO.

— Voltando da igreja para casa ainda noite, recolherão-se as pessoas da casa e os noivos para compensar a noite que haviam perdido em vigília. Quando Cecilia acordou era dia alto; mas que acordar!... Havia ella passado a noite separada de sua mãe! A pobre moça chorou pelo seu passado e pelo seu futuro. Amargas erão as suas lagrimas pensando no desespero de sua mãe, e na maldição que ella lhe lançaria quando soubesse que ella estava casada contra os seus desejos. Mas... que fazer agora? Ella preferiu a morte á esta nova existencia, e cahiu n'um desespero extremo.

« Tranquilla-te, minha bella, dizia Diéudonné; amar-te-hei sempre tanto, que tudo te farei esquecer para pensares só no nosso hymeneo.

« Havemos de ser felizes sempre?

« Sim, minha querida, sempre.

« Ah! Diéudonné! se me illudisses, o que seria de mim? Seria uma desgraçada, dizia ella estremecendo.

« Para que pensas nisso? Julgas-me capaz de fazel-o?

« Mas, meu amigo, disse ella passando seus lindos braços em roda do seu pescoço e occultando a cabeça no seu hombro, agora, que sou tua, não me atreverei a tornar a ver minha mãe. Oh! exclamou ella soluçando, ella me amaldiçoará! Meu Deus, tende piedade de mim!

— Depois, exaltando-se-lhe a imaginação com este pensamento, disse:

« Escuta, Diéudonné, eu sou tua, sómente tua para sempre. Se aqui estou agora é porque te amo mais do que a tudo, meu querido; mas, se um dia me aborreceres, morrerrei de pezar ou me suicidarei. Se me amares sempre, embora minha mãe e o mundo me repillão, acharei sempre forças no meu amor, e consolações no teu. Tu nunca me aborrecerás? Jura-o sobre esta cruz que tu mesmo me deste.

« Sim, minha Cecilia, eu t'o juro: hei de amar-te sempre.

— E novos affagos confirmarão este juramento.

Ah! quando se ama, o passado é nada; o futuro é de azul e de ouro, e os momentos pre-

sentes são tudo. Todavia Cecilia, depois da alegria e satisfação dos primeiros dias, tornou a si e sentiu remorsos no seu coração a par do seu amor: suas faces empallidecerão, e a tristeza descorou seus roseos labios. Dia e noite ella pensava em sua mãe, e ardia em desejos de vel-a. Mas não ousava fallar nisso a seu marido, porque sabia que elle lh'o recusaria. Emfim uma tarde em que elle sahio, ella escapou e correu á casa de sua mãe. Oh! como o seu coração batia com força, e quanta vergonha teve ella quando se apresentou a sua mãe!

« Que viste cá fazer, filha ingrata?

« Minha mãe, perdão! disse ella em soluços e abaixando a cabeça.

« Tu... minha filha?! Não és minha filha!

« Minha mãe, piedade! perdão!

« Piedade para ti! Tiveste-a tu para mim por espaço de oito dias em que tenho soffrido todas as dores possiveis? Não, não: volta para o logar d'onde vieste. E's a mulher de Diéudonné! torna para junto delle; não te quero mais em minha casa. Sahe, desgraçada, sahe, e não tornes aqui.

« Oh! minha mãe! perdão! piedade! eu estou arrependida: perdoai a vossa filha!

« Tu não és mais minha filha, repito-o, e te despeço.

— Cecilia lançou-se aos seus pés, pediu, supplicou, porém em vão. A Sra. Robert, irritada por oito dias de ausencia, e soffrendo uma molestia aguda e incuravel, estava excitada por sua colera, e foi inflexivel. Então a pobre moça, exaltada pelo desespero, resolveu morrer; e, sahindo dessa casa onde nada mais tinha que esperar, dirigiu-se para o Saõna.

Erão oito horas da noite: era ella bella e illuminada pelas estrellas. As aguas do rio estavam vivamente prateadas pelos raios do luar de inverno: o caes estava deserto, porque o frio tinha afugentado os passeiadores. Diéudonné, entrando em casa, ficou admirado de não encontrar Cecilia.

Logo suspeitou que ella estava em casa de sua mãe, e sahio a procural-a. Caminhando pelo caes, avistou um corpo branco que fluctuava sobre a agua. Teve um pressentimento; lançou-se ao rio, e depois de alguns esforços puxou o corpo de uma mulher, que reconheceram ser Cecilia. Transportada para casa, esteve dous dias entre a vida e a morte. Emfim abriu os olhos, e

suas primeiras palavras foram dirigidas a sua mãe. Graças aos cuidados de seu marido, restabeleceu-se, e logo comprehendeu que seria mãe.

Em um casamento feliz, um filho é a alegria e um novo penhor de amor que mais prende os conjuges: mas para os infelizes é uma fonte de novos desgostos. Diendonné, comquanto contrariado por esta circumstancia, mostrou-se tão satisfeito como Cecilia. Parecia julgar-se feliz por esta futura esperanza, e para distrahir os incommodos de sua esposa proporcionava-lhe todos os prazeres possiveis.

Neste mesmo tempo a Sra. Robert cahiu mortalmente doente; e em seus ultimos momentos chamou por sua filha. Mas esta, no estado em que se achava, hesitou por muito tempo, e, quando chegou junto de sua mãe, era já tarde: tinha morrido amaldiçoando-a. A grande severidade da mãe foi causa da hesitação da filha.

Esta noticia foi tão terrivel para Cecilia, que deu á luz um menino morto, como se a maldição de sua mãe devesse recahir sobre o fructo de seu delicto! A dor e o desespero a lançarão em um estado de espantosa atonia; e emmagrecia sensivelmente. Para maior desgraça, Diendonné começava a aborrecer-se da posse de uma mulher sempre triste e doente. Tornou-se menos extremo, e demorava-se na rua mais do que era seu costume: bem depressa só apparecia em casa á certas horas e sempre de mau humor. Cecilia sentiu horrivelmente a indifferença de seu esposo; mas não se atreveu a queixar-se, e chorou em segredo, porque as lagrimas não prendem e os queixumes affastão. Mas quanto era ella digna de lamentar-se, e quanto já estava punida! Muitas vezes velava ella as noites á espera de Diendonné, que voltava só muito tarde, e ás vezes pernoitava fóra.

Um mez antes do Natal, Diendonné desappareceu completamente, sem deixar a Cecilia outros recursos além dos que ella por seu penoso trabalho tinha accumulado. Seria difficil pintar o seu novo desespero, e o cumulo de seus pezares devia ser completo. Por muito tempo esperou que elle voltasse, depois pensou que talvez elle houvesse voltado para a Italia, conforme as esperanças que elle nutria. Esta idéa, sem a consolar, dava-lhe resignação, porque seu coração inclinava-se sempre para elle, e ella soffria menos pensando que talvez estivesse feliz na sua patria, no seio de sua familia.

Um amigo de Diendonné que a frequentava disse-lhe um dia:

« Cecilia, Diendonné está em Lyon.

« Que dizeis! Será verdade? respondeu ella estremeccendo.

« Que fariéis vós se eu vol-o mostrasse?

« Ah! que poderia eu fazer? se elle está aqui

e não volta a mim, é porque não me ama mais. Não posso, nem quero ir procural-o.

« E se eu vos provasse que elle ama outra mulher?

« Oh! meu Deos! disse ella alterada por ouvir esta noticia.

« Sim, disse elle, sei onde elle está, e quem é essa mulher.

« Ah! grande Deos! exclamou ella occultando o rosto em suas mãos.

« Esta noite; vespera do Natal, sei, por ouvir delle mesmo, que deve elle ir com ella á Missa da meio noite na igreja de S. Pedro. Se quereis, offereço-vos o meu braço para lá ir.

« Obrigada, senhor, irei eu só; ou talvez não vá, porque desde este momento sinto-me muito incommodada.

Era meia noite, a igreja enchia-se de gente. Pouco mais ou menos no meio da nave, e á direita da grande pia, estavam tres moços que se riam e conversavão alegremente; voltando as costas para o altar e olhando para todas as mulheres.

« Ora esta noite de Natal, dizia um, ha de trazer-me a felicidade.

« Como assim? perguntou outro.

« Logo o verás.

« Oh! reparai, amigos, disse o terceiro, este sujeito vestido de preto que se ajoelha sobre uma cadeira como um *bedel*, e que acompanha aquellas duas moças vestidas de preto! Como são lindas!

« Deven ser feias, porque trazem véo.

« Approximemo-nos, disse o primeiro.

Quando assim fallavão, virão uma moça que, rompendo a multidão, dirigia-se, a despeito dos obstaculos, para as tres pessoas vestidas de preto.

Chegando atraz do homem ajoelhado e inclinado para diante, agarrou-o pelos compridos cabellos e puxou-o para traz.

Este movimento fez fraquear as pernas á desconhecida, que, cedendo á sua emoção, cahiu desfallcida.

« Eis ahi começada a minha felicidade, disse um dos moços lançando-se em soccorro de Cecilia, e, graças ao pequeno escandalo deste acontecimento, elle conseguiu tiral-a da igreja.

— Que diabo, gritou Tonina; era infeliz a tal Cecilia: desmaiava sempre no momento do perigo.

— E' verdade, respondem Clemencia, era infeliz: mas não para aqui as infelicidades.

— Mas dizei-me, moças, é meia noite e elles não chegam, disse Tonina.

— Paciencia, replicou Rosalia, quasi dormindo.

— Ah! já ouço o meu Ernesto, que vem cantando — *Pequena flor do prado* — e logo dirigiu-se ao seu encontro.

(Continúa.)

BOLETIM MUSICAL.

Minhas amigas, hoje vos damos uma das producções do compositor Fachinetti, como vos promettemos no numero passado; esperamos tambem dar-vos no proximo numero algumas considerações instructivas de musica, escriptas pelo mesmo professor, cuja leitura nos parece que vos será de summa utilidade.

Publicou-se a valsa *D. Pedro V.*, composta pelo bem conhecido professor, o Sr. Antonio Xavier da Cruz Lima, escripta para piano. Ouvimos dizer que este senhor se occupa agora em escrever um album ou colleção de lindas valsas de sua composição, que sem duvida serão dignas de tanto apreço como outras que já tem sido por elle publicadas.

Vai tambem ser publicado um compendio de musica, obra de muito merecimento, segundo nos affirmou pessoa que a viu, produzida por um distincto amador desta sciencia, cujo nome não publicamos ainda, receiosos de commetter alguma indiscrição. Aguardamos com impaciencia essa publicação para emitirmos nosso fraco, mas consciencioso juizo sobre ellas; tanto mais que é opinião geral que os compendios até agora conhecidos não satisfazem por serem em extremo resumidos e muito obscuros, ou mesmo inintelligiveis para as pessoas que aprendem.

O theatro lyrico tem dado suas representações com regularidade, e soffrivel concorrência. Na noite de 15 foi a scena a opera *Ernani*; na de 15 a *Filha do Regimento*; na de 17 a *Semiramis*, e na de 20 o *Trovador*. Os actores têm traba-

lhado bem, e continuão a mostrar interesse e estudo bastante para se tornarem dignos dos applausos do publico.

Proseguem os ensaios da opera *Rigoletto*, e outras escolhidas pela actual directoria, que tem até agora desempenhado perfeitamente a missão de que se encarregou.

Temos prazer em annunciar-vos que o Sr. José Joaquim Goyano, que, no anno passado, por graves incommodos de saude, se havia retirado da cidade, acha-se restituído a nós, completamente restabelecido. Não duvidamos assegurar-lhe que as nossas leitoras receberião com prazer a publicação das composições de seu delicado gosto, que talvez tenha composto durante o tempo que passou fóra da capital.

Os conservatorios de musica continuão regularmente os seus estudos, segundo fomos informada por pessoa a quem perguntámos o seu estado, a qual nos communicou que os alumnos do conservatorio do Sr. Bento das Mercês se distinguirão na festa do Senhor do Bom Fim. Felicitamos este distincto professor pelo successo de seus discipulos, do qual muito deve lisongear-se.

Eis aqui, minhas amigas, as noticias que nesta semana me foi possivel obter: No proximo domingo vos farei sciente do quanto occorrer; e dar-vos-hei as noções scientificas do Sr. Fachinetti.

Corina.

CHARADA.

Do Iman eu faço parte; 1
Mas existo na gagueira; 1
Se me dobrares, verás, 1
Não sou cousa corriqueira. 1

Que de mysterios
Tenho occultado!
Que de ternuras
Tenho escutado!
O meu abrigo
O viandante
Procura alegre,
Cançado, arfante.
Deidade esbelta,
Com mão cuidadosa,
Me colhe a fructa,
Tão saborosa;
Que não tem outra
De igual sahor,



Nem que respire
Tão grato odor.

G. M.

NOTICIA.

Apressamo-nos em noticiar ás nossas leitoras que acaba de ser publicado O LIVRO D'ALIXA em um volume de mais de oitenta paginas de nitida impressão.

O autor é o Sr. Dr. Saturnino, cujo talento produziu, á imitação do Livro d'Elvira, um precioso ramalhete de delicados pensamentos poeticos; tendo, ao que parece, procurado explicar o desenvolvimento das paixões no coração da mulher. Recommendamos ás nossas assignantes a leitura deste livro, que se acha á venda na typographia do *Jornal das Senhoras*, rua do Cano n. 165, e na do Sr. Lobo Vianna e Filhos, rua da Ajuda n. 79, pelo preço de 15000, em brochura.
A REBACÇÃO.

Acompanha este n.º 3 um Elogio Musical aos annos de Sua Magestade o Imperador.